

## O tesouro de Macaé de Cima

*Artigo publicado por Diego Aguiar Vieira e Tadeu Teixeira do 5º período de Comunicação Social da Candido Mendes Friburgo.*

“Se existe uma alta concentração de espécies de orquídeas numa determinada área da floresta, isto indica uma alta biodiversidade.” Isso nos foi dito por David e Izabel Miller, enquanto, um pouco apressados pela chuva, nos mostravam algumas espécies de orquídeas, que estavam, ali mesmo, em seu quintal.

Deve-se dizer que o “quintal” de David e Izabel é uma substancial área da Mata Atlântica, comprada pelos dois com o admirável propósito de preservarem a mesma. E admirável é um adjetivo que se encaixa perfeitamente a esses dois.

Vimos a conhecer o casal de uma forma um tanto quanto circunstancial. Invariavelmente, iríamos vê-los, embora, ao sairmos de casa, cada um tinha uma idéia bem diferente do que iríamos encontrar.

A idéia inicial era de fazermos uma matéria gonzo, caindo na estrada com o mínimo de informações nas mãos e o máximo de comida que pudéssemos levar nas costas. Faríamos uma visita rápida a Macaé de Cima, entrevistando alguns moradores, visitando alguns locais interessantes (entre eles, algumas criações de trutas, uma ou duas pousadas e a criação de rãs do cantor e ator Evandro mesquita). Feito isso, possivelmente iríamos acampar até o dia seguinte, quando partiríamos para Lumiar. Lá iríamos em busca de algumas histórias realmente divertidas e excentricidades que só poderíamos encontrar em terreno tão bem provido de tipos antípodas.

Acontece que ao descer do ônibus, em frente ao Hotel Garlipp, nenhum de nós se sentia como num filme de estrada. Já cansados e desanimados pela longa subida que teríamos de fazer, nossos pensamentos foram expressos de uma forma bem interessante, por Roberto, o dono da bonita loja de souvenirs Pé na Roça: “Vocês vão subir até Macaé de Cima? Deus lhes abençoe!” E isto ele disse, fazendo o sinal da cruz em nossa direção.

Era isso, estávamos dentro de uma lojinha com um ambiente tipicamente montanhês. Todos ainda um tanto quanto perdidos. Sentíamos como se fôssemos as estrelas da refilmagem de Um Lobisomem Americano em Londres.

Assim, um pouco desanimados, já cansados e sem muita perspectiva do que seria feito, saímos novamente sob a chuva que iria nos acompanhar por todo o dia.

Numa tentativa frustrada de conseguir carona, falamos com um dos proprietários do Truta & boa cia, ainda em Mury. Não conseguimos nenhuma ajuda para chegar à Macaé de Cima, mas fomos informados de que seríamos bem recebidos na criação de trutas que eles mantêm lá. Fizeram-nos até um mapa, indicando-nos o melhor modo de chegar ao criadouro.

Também fomos informados de que o clima de frio de Macaé de Cima era bom para a criação de trutas, fazendo com que alguns criadouros se instalassem por lá. O próprio Truta & boa cia, por exemplo, é responsável pelo abastecimento de diversos restaurantes da região.

Sem nenhuma carona à vista, refizemos todo o percurso que havíamos perdido, indo até o

Truta e voltamos à estrada, onde, de uma vez por todas, iríamos começar nossa jornada.

Aqui é necessário fazer uma pausa, um momento para recuperar o fôlego e dar tempo de apresentar os membros do nosso grupo. Os dois repórteres responsáveis por este artigo, Diego Aguiar Vieira, excêntrico, ligeiramente excitado com a idéia de abandonar a civilização e desaparecer no meio da mata e Tadeu Teixeira, esquizofrênico, paranóico de carteirinha e nem um pouco medicado. Acompanhando-nos, Cristiano Botelho, dezesseis anos, cento e vinte quilos. Entende-se que tivemos que parar muitas vezes para recuperar o fôlego.

Outro fato curioso: nenhum de nós sabia nada sobre Macaé de Cima. E não cremos que seja porque todos nós vínhamos de outras cidades. Como ficaria provado mais tarde, a própria população de Friburgo, não parece estar muito ciente das belezas naturais que eles são capazes de guardar ao seu redor.

Nesse ponto, ainda tínhamos uma idéia vaga do que seria Macaé de Cima. Víamos o lugar como uma pequena vila, perdida nas montanhas, com casinhas bem posicionadas e com uma igreja pequena, porém bonita, no centro.

Mas não foi isso que encontramos. As casas se encontram distantes, quilômetros, umas das outras, às vezes, perdendo-se em bifurcações, verdadeiros labirintos, onde somente alguém familiarizado com o local, poderia andar tranquilamente.

Descoberto isso, e ainda com alguns quilômetros para se chegar a qualquer lugar habitado e que nos lembrasse de alguma forma o mundo que havíamos deixado lá embaixo, continuamos a caminhar.

Caminhando lentamente, alias. Lembrem-se de que éramos acompanhados por alguém de cento e vinte quilos.

Pra nossa sorte, e principalmente, pra alívio do nosso amigo, conseguimos uma carona. John, um inglês de oitenta anos, que se passaria tranquilamente por alguém de sessenta, explicou-nos que conhecia e freqüentava Macaé de Cima, há mais de quarenta anos. E que ao se aposentar a sete anos, viera morar definitivamente ali. Ele também nos informou que as estradas e o acesso não haviam melhorado muito, desde que começara a freqüentar o lugar.

John nos convidou para ficar em sua casa, enquanto esperávamos por uma carona até o Hotel Fazenda São João, onde, tentaríamos conseguir uma autorização para acampar. Mas já havíamos perdido tempo demais, e ainda tínhamos muito que fazer. Assim, fomos deixados em frente a uma porteira (sem portão), que nos levaria até o que, até então, pensávamos ser, o orquidário do senhor David Miller.

\_\*\_

Guiados pelas informações cedidas por John, subimos cerca de dois quilômetros por uma estradinha cercada dos dois lados por verde. Abaixo, se não fosse por uma espessa névoa, provavelmente teríamos uma bela visão: mais verde.

Por fim, encontramos uma pequena casa, com a janela entreaberta e a chave na porta. Chamamos e batemos palmas, mas ninguém nos atendeu. Ainda assim, achamos que poderíamos ficar na pequena varanda, dividindo espaço com a lenha cortada, protegendo-nos da chuva e, enfim, comendo.

Tiramos as mochilas e bolsas das costas e começamos a fazer sanduíches. Aproveitamos para abrir uma garrafa de licor de cacau, que havíamos comprado. Ainda não sabíamos, mas aquele licor seria a única coisa alcoólica que tomaríamos em nossa pequena excursão.

Enquanto lanchávamos, fomos brindados com a chegada do casal Miller, que desciam em seu pequeno Gurgel, até a cidade Nova Friburgo, onde iriam fazer algumas compras. Ao nos ver, imediatamente pararam o carro e vieram ao nosso encontro, enquanto nós tentávamos arrumar a pequena bagunça de sacolas e farelo de pão, que havíamos feito.

Nos apresentamos e falamos de nossas intenções de fazer uma matéria sobre a reserva ambiental de Macaé de Cima. Enquanto isso, David e Izabel abriram a porta da casa e nos convidaram a entrar. Uma vez lá dentro, nos mostraram os quartos, a cozinha e os dois banheiros. E nos convidaram a ficar ali, até que voltassem de suas compras, e pudessem nos dar a devida atenção.

Enquanto víamos os dois descerem pela mesma estrada que havíamos percorrido, nos parabenizávamos pela sorte de ter conseguido um abrigo temporário. Curiosamente, a euforia inicial logo cedeu lugar a uma paranóia típica daqueles acostumados a viverem em centros urbanos.

Aproveitamos o tempo livre para investigar nossas acomodações. A casa tinha dois pequenos banheiros, um deles completo com chuveiro e, como viemos a descobrir depois, água quente, e um lavabo. Havia três quartos, dois deles nos fundos da casa, do lado de fora. Cada quarto contava com até três ou quatro camas, com os colchões guardados no primeiro quarto e os travesseiros depositados em uma pequena estante num corredor de acesso. A cozinha estava bem equipada, com diversas panelas, copos, pratos e talheres, além de um fogão a lenha (que era o que esquentava a água do chuveiro).

Na sala, havia uma grande mesa de madeira, cercada por seis cadeiras e um bom sofá. Mas o que se destacava, sem sombra de dúvidas, era as duas estantes recheadas de livros em pelo menos três línguas, algumas revistas especializadas para orquidófilos e umas duzentas revistas em quadrinhos da Turma da Mônica e Disney. E, embora houvesse lâmpadas no teto, não havia energia elétrica.

Estava claro que David e Izabel não viviam ali. Ali mais parecia uma espécie de república, pronta a abrigar grupos de estudantes e especialistas que viessem visitar o local.

Mas ainda estávamos nos sentindo um pouco desconfortáveis. Essa espécie de cordialidade e receptividade, a muito se extinguiu do mundo de onde viemos. Não era de se estranhar que um de nós começasse a levar a sério, a idéia de que estávamos em um filme de terror. Tentando relaxar, acendemos o fogão a lenha e fizemos algo para comer, enquanto líamos algumas revistas ou folheávamos um livro.

Quando David e Izabel retornaram, já estávamos mais calmos e seguros. O casal nos convidou a passar a noite ali, pois estava chovendo muito e a noite logo iria chegar.

Novamente nos encontramos numa situação pouco comum a qualquer um de nós. Sem ter pra onde ir, sem energia elétrica e com o relógio biológico despreparado para nos levar para cama com o sol poente e tirar-nos da mesma, com o sol nascente, passamos boa parte da noite, conversando, lendo e comendo.

Por fim, o sono nos pegou de jeito e derrubou um a um, começando por nosso amigo Cristiano, cujos roncos eram divertidamente interrompidos, cada vez que um de nós o chamava pelo sobrenome. Infelizmente, menos de cinco minutos depois, ele já estava roncando, de novo.

Aproveitamos a hibernação de nosso amigo, para discutir as ações do dia seguinte. Acordaríamos cedo, entrevistaríamos o casal e seguiríamos em frente, sem saber ao certo para onde.

-\*\_

Na manhã seguinte, a buzina do carro do senhor Miller, despertou--nos de nosso sono. “Por aqui se acorda cedo”, disse enquanto nos convidava para subir até sua casa, onde poderíamos tomar um café quente e ficar a par do seu trabalho.

David nos explicou que a casa realmente é usada por estudantes e visitantes, normalmente biólogos e naturalistas.

Enquanto subíamos até a casa de David, o carro era seguido por seus dois labra-latas, como eles carinhosamente apelidados. O mais jovem dos cachorros, insistia em demonstrar seu carinho, subindo nas pessoas e correndo em volta do carro em movimento. “Um dia desses, esse cachorro ainda vai ser atropelado.”

A casa de David é uma visão particularíssima. Isolada, cercada pela Mata Atlântica por todos os lados e com uma vista de fazer inveja, embora a neblina continuasse nos brindando com sua intransponibilidade visual. Há apenas um gerador que cede luz elétrica para a casa e um celular com sinal de, pasmem, Rio das Ostras.

David nos disse que morava em Mury desde o início da década de sessenta. Estava a trabalho no Brasil, quando um amigo, ciente de sua simpatia pelas orquídeas, o trouxe para Nova Friburgo. “Encontrei aqui, as mesmas orquídeas que minha avó tinha, lá na Irlanda. E soube que não sairia mais daqui.”

David e Izabel adquiriram uma área na cabeceira do Rio das Flores, afluente do Rio Macaé, onde vivem há mais de 1500m de altitude. Infelizmente, boa parte da área havia sido queimada, e o casal se empregou na tarefa de estudar o tempo que levaria para uma regeneração da floresta. “O ciclo do café devastou quase todo o estado do Rio, tudo o que restou são semi-desertos. A terra não vale nada, é um pasto cheio de carrapato. São necessários mais de trinta anos, para que a mata readquira o seu vigor. E mesmo assim, cada terreno tem suas características próprias, o tempo que o sol fica sobre ele, a umidade, o grau de pluviosidade...”

O casal também tinha uma outra área reservada a preservação, com 1100m de altitude, mas a neblina nos impedia de ver a mesma.

Enquanto tomávamos café, David e Izabel nos mostraram um exemplar de seu novo livro, Serra dos Órgãos: sua história e suas orquídeas. O livro, co-escrito por David, Izabel, o inglês Richard Warren e o alemão Helmut Seehawer, era fruto de uma pesquisa de mais de dez anos.

Perguntados sobre incentivos e ajuda financeira, riem. “Nos disseram que ‘pesquisa não é cultura’. E como vai se fazer um livro sem pesquisa?” O casal trabalha com consultoria ambiental e cria faisões e marrecos, para vendê-los aos restaurantes da região. “Temos o Gurgel e uma Kombi de 86, que está sempre quebrando, devido as estradas precárias. As pesquisas foram feitas com dinheiro de nosso próprio bolso. Contamos com alguma ajuda, apenas na impressão, onde duas ong’s inglesas interessaram-se pelo projeto.”

“Percebemos que ninguém se interessará em financiar as pesquisas, mas com o produto em mãos, as coisas mudam, relativamente, de figura.”, explica-nos David.

Enquanto conversávamos, tivemos a grata visita inesperada de Helmut Seehawer, que trazia uma amiga que estava de passagem pelo Brasil, para dar uma olhada no livro. Helmut ainda nos deixou ver algumas das aquarelas que ele preparara para o livro, descrevendo e ilustrando as orquídeas das subtribos Pleurothallidinae.

O livro seria publicado dentro de alguns dias, pela Editora Scart ([www.editorascart.com](http://www.editorascart.com)), e era uma descrição das origens de um dos centros de endemismo mais ricos do mundo, além de expor como e porque os colonizadores europeus quase o destruíram. Sem deixar de buscar argumentos para a interrupção da destruição final, e finalmente, porque devemos conservar o que ainda resta, iniciando sua reconstituição.

São mais de seiscentas espécies de orquídeas de 110 gêneros, localizadas em toda a Serra dos Órgãos, desde Tinguá até São Fidélis, numa extensão de mais de 250 km, do nordeste ao sudeste do Estado. A cadeia da Serra dos Órgãos ocupa menos de 1,0% do território nacional, contendo, aproximadamente, 25% das espécies e 45% dos gêneros das orquídeas nativas.

As orquídeas são emblemáticas da Mata Atlântica original e, sem esta, a maioria das espécies seria condenada à extinção, como o resto da biodiversidade.

David explicou-nos que o próximo projeto do grupo é o de provar que a conservação das florestas existentes, bem como o reflorestamento da Cadeia da Serra dos Órgãos ainda é o melhor e mais barato método para garantir o suprimento de água o ano inteiro para os usuários dos vales e ao longo do litoral norte do Estado do Rio de Janeiro.

Despedimo-nos de Helmut, que tinha de levar sua amiga embora, e fomos convidados por David e Izabel, para ver algumas espécies de orquídeas. David deixou claro que ele não mantinha um orquidário, as orquídeas que veríamos, eram todas naturais dali.

Izabel aproveitou para nos mostrar algumas curiosidades, como orquídeas menores que um dedo e outras, cujas folhas simulam similaridades com uma espécie de capim pouco apreciada por bois. “Cada orquídea tem um inseto que a poliniza. Não há predadores na natureza, as coisas funcionam em perfeito equilíbrio. O único ocupado em destruir é o Homem.”

“Temos algumas orquídeas que foram trazidas para cá, por nós mesmos. Vocês podem vê-las em alguns troncos e galhos pelo quintal, mas são exceções, só estão aí, porque foram encontradas caídas, correndo o risco de serem esmagadas e perdidas. Por isso, as trouxe.”

Com isso, despedimo-nos e nos preparamos para ir embora, mas não sem antes assinarmos um livro de visitantes que o casal, orgulhosamente, mantém.

De volta a casa onde passáramos a noite, percebemos que seria impossível seguir viagem. A chuva havia molhado todas as nossas roupas, e não seria desonesto dizer, que estávamos realmente cansados, embora nos sentíssemos muito bem.

.\*\_

Na volta, conseguimos uma outra carona. João Luiz, um carioca que mantinha uma casa em Macaé de Cima, para passar seus finais de semana, era, também, um conhecido dos Miller e ainda nos perdoou por ter sujado seu carro, de lama.

Por fim, paramos para descansar e esperar o ônibus, em frente a um pequeno pub. Enquanto ligávamos para casa, começamos a conversar com a proprietária da Casa Boiadeiro, Sigrid, que diz ter encontrado em Macaé de Cima, um refúgio para toda a confusão e caoticidade que era sua vida no Rio.

“O contato com o verde, muda você”, ela nos disse. E, naquele momento, nós sabíamos que era verdade.